



AS PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA INFANTOJUVENIL: Perspectiva de professores do ensino fundamental em escolas públicas

Emanuely Pereira Gomes ¹
Sandra Geane Braz Mamede ²

RESUMO

Neste artigo, buscou-se analisar a perspectiva de professores do ensino fundamental sobre a prática de leitura literária infantojuvenil. Neste trabalho, procurou-se também, contextualizar a literatura infantojuvenil e relacionar os desafios e avanços na formação de professores com foco nas práticas de leitura literária. Para tanto, partiu-se de uma revisão da literatura relativa a aspectos da área da Teoria de Giroux (1986), Coelho (1987), Marcuschi (1996), Geraldi (1997), Oliveira (2007, 2008 e 2009) e Arroyo (2011), Cosson (2011). As atividades desenvolvidas procederam-se pela pesquisa qualitativa por meio de entrevista semiestruturada aplicada com 8 (oito) professoras de Língua Portuguesa de escolas municipais de Bernardino Batista-PB. Nos resultados obtidos, confirmou-se há persistência dos problemas recorrentes em outras pesquisas como: ausência/limitação de livros falta de espaços/bibliotecas, problemas na formação acadêmica dos docentes e a prática de leitura das crianças e seus pais.

Palavras-chave: Práticas de leitura, Literatura Infantojuvenil, Escolas públicas, Professores.

INTRODUÇÃO

A Literatura tem o poder de ampliar horizontes! Ela transforma e enriquece as experiências de vida, é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa, a literatura infantil aborda um instrumento motivador e desafiador, ela é capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem.

Assim, este trabalho tem como objetivo analisar a perspectiva de professores do ensino fundamental sobre a prática de leitura literária infantojuvenil. Partindo do estudo da história da literatura infantojuvenil, do papel e do conhecimento dos professores nas práticas de leitura literária em suas experiências de vida.

¹ Graduando do Curso de Leras do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, manuelypereira@hotmail.com;

² Graduando do Curso de Leras do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, sandrageane.m@gmail.com;



Sabendo que só se torna bom leitor, por meio da prática da leitura cotidiana, surgiu o interesse pelo estudo da temática de saber o comportamento leitor de professores do ensino fundamental de escolas públicas do município de Bernardino Batista-PB. A investigação foi realizada, por meio de questão discursiva em questionário, em que procurou-se compreender como os professores trabalham com a literatura infantojuvenil, quais suas maiores dificuldades, os hábitos dos professores e alunos, a estruturação humana e material das escolas e a existência e funcionamento de bibliotecas, oferta de livros para o trabalho com a literatura infanto-juvenil em sala de aula e fora dela.

Nesta perspectiva, o presente artigo, mostra a literatura sobre a égide de leitores específicos: as crianças e os adolescentes e as origens da literatura infantil, a mediação da leitura literária tem sido assimilada a práticas de lazer, fruição e deleite, destinando ao professor o papel de facilitador do acesso aos livros e as leituras. E como as práticas de leitura literária são de suma importância para a construção de leitores.

O trabalho se estruturará com a apresentação dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, análise das relações entre formação, hábitos de leitura e prática de ensino dos professores entrevistados e a revisão teórica sobre a contextualização da literatura infantojuvenil e o avanços e desafios na prática da leitura literária.

METODOLOGIA

A pesquisa é caracterizada como qualitativa, com fins descritivos, cujos dados foram obtidos através de um levantamento feito por meio de entrevista semiestruturada aplicada aos professores de Língua Portuguesa nas escolas municipais do município de Bernardino Batista-PB. Os sujeitos da pesquisa foram oito professores de Língua Portuguesa da Educação Básica (1º ao 9º ano) das escolas municipais do Município de Bernardino Batista - Paraíba.

O município Bernardino Batista está localizado na microrregião de Cajazeiras, estado da Paraíba, Região Nordeste do Brasil. Possui 3.153 habitantes e uma área territorial de 51 km² (IBGE, 2017).

A pesquisa adotou a entrevista com roteiro semiestruturado, elaborado pelas autoras com base em Oliveira (2008), composto por 30 perguntas objetivas e subjetivas relativas à visão dos professores do Ensino Fundamental sobre as práticas de leitura literária infantojuvenil. A



análise dos dados ocorreu por meio dos métodos interpretativos nos quesitos subjetivos, transcrevendo as passagens quando necessário.

REFERENCIAL TEÓRICO

A contextualização histórica da literatura infanto-juvenil

A origem e a concepção da literatura infantil têm associação a compreensão do processo histórico e cultural do surgimento e reconhecimento da infância e da juventude. As crianças eram tratadas como miniaturas dos adultos, por isso sua educação não era direcionada, uma vez que ideia de idade, enquanto fator de desenvolvimento, ainda não era relevada nos períodos medievais.

A infância e a juventude eram compreendidas como processo de construção cultural (ELIAS, 1994), através das perspectivas dos discursos para e sobre a infância (FOUCAULT, 1987; 2001) ou não havia representação da infância (até o Século XII), por não haver lugar para a infância no mundo de feitos históricos (ARIÈS, 1981).

Portanto, a ideia de literatura infantil é moderna, não havia antes do fim do século XVII e início do século XVIII, uma concepção enciclopédica, didática e editorial de leitura específica e direcionada para crianças, todavia existiam crianças que se apropriavam das leituras dos adultos e as histórias que eram contadas pelos mais velhos aos mais novos (crianças) pela transmissão oral, fazendo parte do repertório da infância, ou seja, a existência da literatura infantil vai preceder o surgimento de livros e de seu próprio conceito.

Segundo Arroyo (2011), é no final do século XVII, com contribuição importante de John Newberry com o periódico *The Lilliputian Magazine* (1751-1752), que se considera o surgimento e expansão do gênero literatura infantil, que foi evoluindo, aperfeiçoando e surgindo produções destinadas aos leitores infantojuvenis, consolidando o gênero, exemplos são: Os contos dos irmãos Grimm, Alice no país das maravilhas (Lewis Carrol), Peter Pan (James Matthew Barrie) e As aventuras de Pinóquio (Carlo Collodi) consideradas clássicos mundiais da literatura infantojuvenil.

No Brasil, a literatura infantojuvenil tem início a partir do século XVIII, com caráter pedagógico recebendo uma herança da produção literária de Portugal, servindo de instrumento para ensinar as crianças o despertar pela leitura e fazer com que a compreensão fosse



desenvolvida, ao passo que incentivassem os escritores brasileiros a aderirem a esse movimento de produção literária voltada a infância e juventude.

Aos poucos se construía tomando forma esse gênero, e como efeito apareceram inúmeros problemas principalmente em seu caráter didático.

O Movimento da Escola Nova trouxe profundas mudanças na produção literária no Brasil e que fomentou a literatura infantojuvenil, assim:

No Brasil, na década de 20, época da efervescência política, intelectual e artística, a educação foi atingida, em sua fragilidade, por altos índices de analfabetismo. Para que o Brasil pudesse estar entre as grandes nações mundiais, teria que melhorar significativamente e de maneira acelerada, a formação do homem brasileiro. Uma das propostas formuladas pelo sistema nacional de ensino foi a Escola Nova, criada para oferecer a escola primária em período integral, buscando a universalização do acesso à educação para que assim pudesse contribuir para o desenvolvimento do País. Na área cultural, houve inovações artísticas como resultado das Exposições e da fundação de jornais e revistas que muito contribuíram para esse momento. Assim, havia diversas formas de expressão, manifestadas, por exemplo, na semana da Arte Moderna, em 1922, indicada como marco inicial da revolução nas letras brasileiras (ROCHA & LOPES, 2017, p. 04).

Esse movimento ideológico em prol da educação brasileira impulsionou a produção literária do gênero infantojuvenil que vem a ser plasmada nas concepções ideológicas da época e que o caráter didático desse gênero foi abordado com afinco para que não fosse desvinculada a contextualização do gênero e por outra banda não deixasse que esses textos esvaziassem os reais objetivos da escola. O próprio distanciamento da literatura portuguesa, que desde o século 20 já vinha sido rejeitada pela crítica literária, pois não estavam sendo compreendidos no Brasil e o caráter didático do gênero estava sendo prejudicado necessitando assim que o país produzisse esse tipo de texto com cara própria principalmente em relação à questão linguística.

É então que no país o escritor Monteiro Lobato consagra-se como maior representante desse gênero. O Lobato revolucionou a produção literária infantojuvenil principalmente no uso de linguagem coloquial e abordando a fantasia e a vida das crianças dos anos 30 e 40:

O momento histórico-cultural mais significativo para a literatura ocorreu no ano de 1921, quando Monteiro Lobato, inovou a temática das histórias Infantis, apresentando suas obras numa linguagem coloquial que caracterizava a fala brasileira. Fazendo fusão do real cotidiano com o imaginário, Lobato percebeu que o mundo da criança era diferente daquele que o adulto via, mostrando como possíveis as aventuras que só existiam no mundo da fantasia. Monteiro Lobato trouxe para dentro de suas obras fatos e elementos da vida do povo



brasileiro, sendo o regionalismo sua marca evidente (ROCHA & LOPES, 2017, p. 05).

Nesse sentido, o caráter didático empregado por Lobato foi significativo para a sedimentação desse gênero textual no país ao contextualizar com os problemas sociais da época, mas sem perder o caráter educativo:

A literatura infantil, no contexto histórico da década de 30 e meados da década de 40 do século passado, sofreram uma grande turbulência mundial devido a Segunda Grande Guerra. O Brasil estava saindo de um modelo de país arcaico para um país moderno. Os autores dessas décadas deram ênfase às questões rurais, já que a economia do país girava em torno da produção agropecuária, com roteiro folclórico e fatos relacionados à história do Brasil, destacando os grandes vultos sem o devido questionamento, colocando o nacionalismo em um patamar elevado (COELHO, 1987, p. 100).

É de se falar ainda nos anos 70 até os dias atuais com o advento da democracia e das inovações tecnológicas com a produção infantojuvenil sendo divulgada pela televisão e depois pela internet, na qual podemos citar o “Sítio do Pica Pau Amarelo” que influenciou na formação ética e moral das crianças e jovens, além de representar um avanço decisivo para o desenvolvimento sistemático do gênero infantojuvenil no Brasil, principalmente o caráter didático que vinha atendendo aos anseios da Escola Nova e de alunos, professores, que encontraram um meio eficaz para o desenvolvimento da leitura.

A literatura e a formação de professores: desafios e avanços

Para o professor, a compreensão do surgimento e do desenvolvimento da literatura infantojuvenil o direcionará para escolha de obras adequadas aquela faixa etária, reconhecer a importância de se apresentar aquelas obras aos alunos, buscar despertar o interesse das crianças e dos jovens por uma leitura de acordo com sua idade e/ou interpretar e analisar as histórias com o contexto de mundo que as crianças e a juventude vivência nessa fase de desenvolvimento de suas vidas

No âmbito dos debates sobre o ensino de literatura, especialmente no que diz respeito à formação do professor para o trabalho com a literatura, encontra-se uma necessidade de busca



e complementação de colaboração para o ensino-aprendizagem da literatura e a formação continuada de seus professores.

Nesta perspectiva compreende-se que grande é a importância de o docente ter a possibilidade e a competência para atuar em sala de aula como facilitador/mediador das práticas de leitura, por ser o responsável pela formação dos alunos, que nesse contexto tem a própria prática um fator de ruptura na história da leitura escolar.

A literatura é um fenômeno social e, portanto, necessita ser ministrada por um professor que tenha sensibilidade para captar os acontecimentos e os problemas que envolvem a sociedade. Para que a literatura desperte a atenção do aluno, ela precisa estar vinculada com a vida, pois, literatura é efetivamente vida. Entendemos que assim, o professor além de estar informado sobre a sua disciplina, precisa estabelecer relações que possibilitem a leitura do mundo pelo viés da leitura literária e daí a importância da formação continuada para os professores de literatura (NUNES, p. 01).

Partindo desse ponto de vista, cabe ao educador estabelecer uma relação entre o conteúdo literário e a realidade em que o aluno se encontra. É a partir desse acontecimento que o discente despertará o interesse para aprender literatura, pois essa aprendizagem se tornará significativa, e sabe-se que essa é uma das grandes dificuldades encontrada pelo professor na maioria das escolas públicas brasileiras, pois desenvolver o gosto e o hábito da leitura sem dúvidas é um dos maiores desafios para se obter êxito em qualquer área de ensino, principalmente quando se trata de literatura. Por isso, existe a grande preocupação com a formação destes profissionais da educação. Vale ressaltar que o professor de literatura deve ter conhecimento do objeto do seu trabalho que é o texto literário.

O trabalho com literatura, nos mais diferentes graus de ensino tem-nos mostrado as dificuldades que todos os interessados no assunto enfrentam: a difícil tarefa do professor de *levar o gosto da leitura para o aluno; a maneira como é cobrada as leituras de obras literárias*; o que pode contribuir para a aversão dos alunos aos livros somada a ausência de uma proposta interdisciplinar do ensino de literatura e a um processo decorativo, tudo isso são desafios em que o professor de literatura deve tentar superar, já que são propostas antigas e que já devem passar por reformas, uma vez que *literatura não se resume a fragmentos de obras literárias e muitos menos como pretexto para análise gramatical*, sua função vai mais além, ela é capaz de refletir e contribuir para a formação do aluno (MACHADO, NASCIMENTO & ALBUQUERQUE, 2012, p. 1).



Além desses desafios, enfrentados no ensino de literatura e na prática da leitura, as pesquisas acadêmicas têm elencado a desvalorização da formação e salarial dos profissionais que atuam na mediação da leitura em sala e na biblioteca (CORDEIRO & FERNANDES, 2015), a questão da abordagem da literatura e o espaço ocupado nos livros didáticos (GERALDI, 1997), a prática do ensino de literatura associada aos exercícios de interpretação e gramatical (MARCUSCHI, 1996) e negligência da função social e humana da literatura enquanto formação do indivíduo, e não apenas como passatempo com a aplicação de atividades descontextualizadas, prática e superficial, sem aprofundamento da discussão do e sobre o texto (BRANDÃO & MICHELETTI, 1997; COSSON, 2011).

Quando se trata das relações entre formação, hábitos de leitura e prática de ensino da literatura, essa pesquisa terá base em Oliveira (2007, 2008 e 2009) que em suas investigações afirma que a formação do professor é um fator determinante para sua prática docente na atuação na formação de alunos leitores literários, tem como motivação da própria experiência enquanto sujeito leitor, da consciência de seu processo de formação e seus hábitos de criação, em que o incentivo à leitura está associado raramente aos familiares e mais às pessoas próximas (padrinhos, professores, etc.), uma vez que muitos professores são originários de família cujo capital sociocultural seja considerado baixo, não impedido o seu desenvolvimento.

Portanto, compreende-se que o ensino de literatura deve ser pensado como um conjunto de experiências que proporcione aos alunos o pensamento crítico, autonomia, sensibilidade e o autoconhecimento. O trabalho com a literatura infantil deve ser um meio de desenvolver a criatividade e a imaginação na interação com textos, podendo, assim, trabalhar os diversos mundos possíveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A constituição do corpus da pesquisa é formada pela entrevista com oito professores de Língua Portuguesa e Literatura do Ensino Fundamental da rede municipal de Bernardino Batista-PB. Quanto ao gênero, todas são mulheres, próprio da característica do curso língua



portuguesa e literatura, em que segundo os dados do Censo da Educação Superior há uma predominância do gênero feminino³.

A faixa etária das professoras entrevistadas, 62% têm entre 30 e 40 anos e 38% estão acima dos 40 anos, inferindo que trata-se de professores em uma faixa madura com formação recente. No que se refere ao tempo de atuação 50% das entrevistadas estão entre 3 e 10 anos na rede municipal de ensino, enquanto que a outra metade lecionam há mais de 10 anos, o que denota que o quadro de professores municipal possuem experiência considerável na prática docente.

A carga horária é um dos fatores que mais têm apresentado questionamento na prática docente, uma vez que professores tem uma alta carga de trabalho e acabam não tendo tempo para planejar as aulas, aperfeiçoar e inovar na sua prática de ensino, nesse sentido 62% das professoras entrevistadas cumprem a carga horária de 20 horas semanais, enquanto que 38% cumprem 30 horas semanais.

As entrevistadas foram questionadas sobre a escolaridade dos genitores, como resultado 87% dos pais tinham o ensino fundamental incompleto e 13% o completo, enquanto que 87% das mães possuem o ensino fundamental incompleto e 13% o ensino médio completo, resultados que corroboram com Oliveira (2007, 2008 e 2009) quando afirma que muitos professores são originários de família cujo capital sociocultural seja considerado baixo.

Quanto à formação escolar das professoras, 100% cursaram o ensino fundamental em escolas públicas, 87% cursaram o ensino médio em escolas públicas e 13% em escola privada, e no ensino superior 87% das professoras são provenientes de universidades públicas federais e 13% de universidades privadas. É interessante notar que a formação da maioria das professoras é proveniente da educação pública, o que reforça a ideia da ampliação e do acesso ao sistema educacional público. Além, foi observado que todas as professoras possuíam pós-graduação (*lato sensu*).

A escolha do curso é um fator importante na atuação profissional, uma vez que o trabalho e estudo daquilo que há identificação tem maior rendimento, por isso as entrevistadas foram questionadas sobre o que levou elas a escolher o curso de Letras e se tornarem

³ NEXO JORNAL. **Gênero e raça de estudantes do ensino superior no Brasil por curso e área**. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/grafico/2017/12/13/G%C3%AAnero-e-ra%C3%A7a-de-estudantes-do-ensino-superior-no-Brasil-por-curso-e-%C3%A1rea>>. Acesso em 20 jun. 2018.

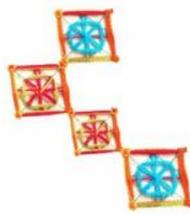


professoras. A influência na escolha profissional é multifatorial, no caso das professoras entrevistadas os fatores estão fincados no contexto familiar e educacional, esse último é perceptível na necessidade de conhecimento, aprender, aprofundar e gostar de ler, escrever e de literatura.

As professoras entrevistadas foram questionadas sobre as práticas e hábitos de leitura em suas experiências familiares e escolares, assim 75% afirmaram que em suas infâncias haviam livros em suas casas, como “[...] os livros bíblicos, cordel, almanaque, histórias em quadrinhos etc.” (Professora 04), “[...] os livros eram sempre narrativos bíblicos ilustrados” (Professora 05) e “[...] os livros paradidáticos, didáticos, enciclopédias” (Professora 06). Ou seja, as experiências de leituras das professoras ocorreram em sua maioria na adolescência, marcada por clássico da literatura brasileira e leitura dos textos bíblicos. Toda essa experiência de leitura, acabou por influenciar na escolha do curso de letras.

Questionados sobre os principais gêneros que as professoras entrevistadas costumam ler, se fizeram presentes na maior frequência de respostas a poesia e os blogs/internet, seguidos dos livros infantis, clássicos e livros teóricos. A literatura infantil aparece entre os gêneros literários de leitura entre as professoras, a necessidade de se manter leitor de livros infantojuvenil, ainda que na fase adulta, se faz diante do público alvo que as entrevistadas trabalham que são crianças e jovens, e sabendo que os primeiros contatos que as crianças tem com literatura é justamente com as histórias infantis contadas pelos pais e familiares, possibilitando a aproximação da criança com a leitura e proporcionando a entrarem em um mundo de fantasias, que estimulam seus pensamentos, imaginação e reflexão, assim, as professoras foram questionadas sobre o último livro e o que gostariam de ler da literatura infanto-juvenil, alguns responderam *Ou Isto ou Aquilo* – Cecília Meireles/*Malala, a menina que queria ir para escola* – Adriana Carranca; *O Pequeno Príncipe/Coletânea de Senhor dos Anéis; Romeu e Julieta* (adaptado ao infantojuvenil)/*Malala e seu lápis mágico; Reinações de Narizinho/Sozinha no mundo; A Ilha perdida*- Maria José Dupré/*O Menino do pijama Listrado; O Rei Bigodeira e sua banheira/ Alice no país das maravilhas* (versão em inglês).

Antes de se tornarem professores (de ensinar) foi preciso aprender, e por isso foi-se questionado como as entrevistadas avaliavam o ensino de Literatura infantojuvenil na época em cursaram o Ensino Fundamental e/ou Médio. Algumas professoras apontaram os problemas do uso da literatura como pretexto para análise gramática (MACHADO, NASCIMENTO & ALBUQUERQUE, 2012; MARCUSCHI, 1996), abordagem da literatura e da limitação aos



livros didáticos (GERALDI, 1997), assim, percebe-se que a realidade da maneira que a literatura era cobrada no passado esteve restrita como plano secundário e de forma coadjuvante no processo de ensino-aprendizagem da leitura e escrita.

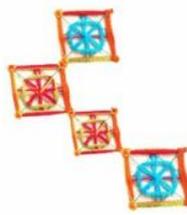
No ensino superior a realidade acadêmica do indivíduo muda, surgindo outros dilemas e problemas frente à questão do ensino de literatura de modo geral, por isso procurou-se saber como era a realidade do ensino de Literatura infantojuvenil, uma vez que é o objeto desta pesquisa, na época em que as professoras cursaram o Ensino Superior. Os problemas relatados pelas professoras entrevistadas foram a tecnicidade e historicidade de como a literatura era trabalhada no curso de letras, restrição aos materiais teóricos do curso de letras e limitação de exemplares nas bibliotecas de materiais, apontando como solução a necessidade de ser trabalhado a literatura infantojuvenil de forma lúdica, dinâmica e envolvente, enfatizando o papel social dessa literatura, de modo a tentar passar o prazer (“paixão”) para os educandos.

É válido ressaltar que a maioria das professoras entrevistadas defendem a importância da formação acadêmica e o hábito de leitura como um fator que auxiliam as práticas de ensino, e apontando que a deficiência nesses dois processos acabam por dificultar a prática do ensino de literatura de forma prazerosa para as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos objetivos deste trabalho foi de verificar a história da literatura e de investigar o papel e o conhecimento dos professores nas práticas de leitura literária infantojuvenil, como eles trabalham para incentivar seus alunos a terem hábitos e gosto pela leitura, e quais seus maiores desafios.

Na entrevista realizada as professoras foram questionadas sobre as práticas de leitura de literária, e apontaram os problemas do uso da literatura como pretexto para análise gramatical, os problemas relativos ausência de livros, de espaços e bibliotecas, a limitação dos livros, elas defendem a importância da formação em acadêmica e o hábito de leitura, e também destacam a falta do hábito da leitura das crianças, e que a qualidade e a quantidade dos livros é um problema enfrentado na escola, apontaram alguns fatos na visão delas o que torna difícil para os alunos desenvolvem o hábitos de leitura literária infantojuvenil.



Assim, observamos através da entrevista que foi citada a falta de estímulo por parte dos professores, uma vez que esse é um mediador em todo processo de aquisição da leitura, assumir o papel de encorajador é um dos requisitos dos professores quando se trabalha o tema da aquisição da leitura e da escrita.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P.. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARROYO, L.. **Literatura infantil brasileira**. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

BRANDÃO, H. H. N.; MICHELETTI, G. Teoria e prática da leitura. *In: _____*. (Coord.). **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 17-30.

COELHO, N. N.. **A literatura infantil**. São Paulo: Quirón, 1987.

CORDEITO, M. B. S.; FERNANDES, C. R. D.. Práticas de leitura literária na escola: um estudo de caso. **Textura**, v.17 n.35, set./dez. 2015.

COSSON, R.. A prática do letramento literário em sala. *In: GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos*. (Orgs.). **Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente**. São Paulo: Mercado das Letras, 2011.

ELIAS, N.. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FOUCAULT, M.. **A ordem do discurso**. 7. ed. Trad. Laura Fraga de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

FOUCAULT, M.. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Trad. Ligia M. Pondé Vassallo. RJ: Petrópolis, Vozes, 1987.

GERALDI, J. W. Identidades e especificidades do ensino de língua. *In: _____*. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. P. 73-113.



GIROUX, H.. **Teoria crítica e resistência em educação** (para além das teorias da reprodução) Petrópolis, Vozes, 1986.

MACHADO, A. F. A.; NASCIMENTO, A. K. S.; ALBUQUERQUE, C. O.. **Os desafios do ensino de literatura na visão docente.** Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/os-desafios-do-ensino-de-literatura-na-visao-docente/86379>>. Acesso em: 20 de mai. de 2018.

MARCUSCHI, L. A. Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua? **Em Aberto**, Brasília, ano 16, nº 69, p. 64-82, jan./mar. 1996.

NUNES, G. C.. O professor de literatura: uma proposta de formação continuada. **Revista Espaço Acadêmico**. n. 192, maio de 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/33467/19153>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

OLIVEIRA, G. R.. A relação do professor de português com a literatura: formação, hábitos de leitura, práticas de ensino. **16º COLE**. Seminário III – “Leitura, Escola, História”. SESSÃO XVII - Escola e práticas de leitura e escrita de professores. Unicamp. Campinas, 12 jul. 2007. Disponível em: <http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem07pdf/sm07ss17_05.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

_____. Sobre as práticas de ensino de literatura de dois professores do ensino médio paulistano. **Anais do SILEL**. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

_____. **A relação do professor de português com a literatura**: formação, hábitos de leitura, práticas de ensino. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2008.

ROCHA, P. A.; LOPES, R. V. N.. Literatura infanto-juvenil: história e relações com a pedagogia. **Revista Querubim** – revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais. Ano 12. Seção Especial, Dezembro 2016